



Neruda, Pablo. **Teus pés toco na sombra e outros poemas inéditos**. Tradução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. 144 pág.

UMA REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO LITERAL

Rodrigo Conçole Lage¹

UNISUL

(rodrigo.lage@yahoo.com.br)

Examinando o mercado editorial brasileiro, no que diz respeito à tradução de poesia, vemos que as editoras têm publicado mais coletâneas de poemas do que traduções de livros. Além disso, poucos poetas tiveram um grande número de obras traduzidas. Dentre eles, destacamos Pablo Neruda, que tem sido traduzido por diversas editoras. A maior parte de seus livros já está disponível no Brasil e, algo que merece ser destacado, muitos deles são edições bilíngues.

Tus pies toco en la sombra y otros poemas inéditos, de Pablo Neruda, foi o último livro póstumo dele, editado em 2015 pela Seix Barral. Chama a atenção o fato de que saiu no Brasil neste mesmo ano, com tradução de Alexei Bueno. A rapidez com que foi publicado é algo a ser elogiado. Curiosamente, os livros de poesia publicados no exterior, nos últimos anos, não tem despertado o interesse das editoras brasileiras. Elas raramente traduzem poetas da contemporaneidade ou os livros inéditos de poetas já falecidos que tenham sido publicados nos últimos anos.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que o tradutor é um poeta, que já havia publicado outras traduções de poesia como a coletânea *Cinco séculos de poesia* e o *As Quimeras*, de Gérard de Nerval. Na opinião de alguns, isso reflete na qualidade de uma tradução, pois, como bem afirmou Ivan Junqueira (2012, p. 9):

À parte o ceticismo de alguns e a boa vontade de outros, a primeira exigência que se deve fazer a um tradutor de poesia é a de que ele seja um poeta, pois somente assim poderá enfrentar os desafios técnicos específicos desse gênero literário, como os do ritmo, da estrutura sintático-verbal, dos esquemas métricos e rítmicos, da linguagem metalógica, do jogo de imagens e metáforas e de todos os outros elementos que constituem a retórica poética.

Teus pés toco na sombra e outros poemas inéditos surgiu do trabalho de catalogação iniciado em junho de 2011, realizado pela Fundação Pablo Neruda, “dos originais manuscritos e datilografados da obra de Pablo Neruda” (Neruda, 2015, p. 7). Isto levou a descoberta dos vinte e um poemas reunidos neste livro. Eles

¹ Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ.



“pertencem a um vasto período, que abarca desde os princípios dos anos 1950 até pouco antes da morte do poeta, em 1973” (Neruda, 2015, p.9). Mais precisamente, vão de 1952 a 1973. Contudo, é preciso assinalar que a datação não é, em alguns casos, muito precisa. Fato que foi destacado, entre outras coisas, nas notas que foram inseridas no final do livro.

Além da valiosa introdução de Darío Oses, do prólogo igualmente importante de Pere Gimferrer, e das indispensáveis notas, nós vamos encontrar no livro a reprodução fac-similar de alguns dos poemas. Como não foi possível consultar a edição em espanhol, não sabemos se a edição original também não inclui a reprodução fac-similar de todos eles. Seja como for, essas reproduções enriquecem a obra e, de modo geral, é uma edição muito bem cuidada e isto nem sempre ocorreu com os livros de Neruda publicados no Brasil.

Do ponto de vista temático, vemos que os poemas apresentam temas recorrentes na obra de Neruda. Dentre eles, podemos destacar a presença da temática amorosa, por exemplo, que aparece em cinco poemas, a da viagem, do telúrico, do mar e do trabalho. Destacam-se também a presença do elemento autobiográfico e da sátira, que são características importantes dentro do conjunto de sua produção poética. Por fim, iremos encontrar nestes inéditos a utilização de processos sintáticos típicos do poeta, como a enumeração caótica, de modo que o conjunto não apresenta nenhuma inovação. Isso, se comparado aos livros publicados em vida. Nesse sentido, a obra pode servir de ponto de partida para quem deseja conhecer algumas características típicas do seu fazer poético.

A publicação do livro gerou algumas críticas. Isso ocorreu porque algumas pessoas defenderam a ideia de que o poeta não tinha a intenção de publicar os poemas. Como eles não foram incluídos em nenhum livro, a sua vontade deveria ser respeitada e esses textos não deveriam ter sido publicados. Esse tipo de argumento pode ser visto, por exemplo, na resenha de Francisco Estévez (2015):

Fala-se na introdução de fidelidade a transcrição, mas não se fala da fidelidade mais importante de todas, a vontade do poeta. Contra o que o leitor comum possa pensar do poeta de verso rápido, Pablo Neruda foi um tenaz trabalhador, inflexível a queda de qualidade, que ele estimava (com maior ou menor acerto). Esta edição resulta, senão traidora para com os desejos e a vontade poética de Neruda, pelo menos improdutiva, pois o chileno os tinha abandonado, com justo critério, a uma leitura atenta, para o esquecimento; nada a ver com aquele livro de poesia, dentre os últimos, *Geografía infructuosa* (1972).

Essa é uma questão complexa. De um lado, temos o fato que o autor tem o direito de não publicar o que escreve, o que ocorre por diferentes motivos. Por outro lado, a publicação de qualquer texto, mesmo os que os críticos afirmam ser de menor valor, pode contribuir para um melhor conhecimento do trabalho de um autor e revelar textos importantes e de qualidade. Kafka é um exemplo disso. Se sua vontade tivesse sido respeitada não conheceríamos grande parte de sua obra.

Além disso, diante da qualidade de muitos desses poemas, esse tipo de julgamento deve ser olhado com certa reserva. Não se pode esquecer que, por mais úteis que sejam as contribuições da crítica, o julgamento final sobre o valor de um



texto será feito pelos leitores. E, muitas vezes, a opinião dos leitores vai contra o juízo dos críticos. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que qualquer juízo de valor pode ser criticado e revisto. Eles não podem ser tomados como algo definitivo.

No que diz respeito a tradução, no Brasil, é comum a ideia de que é totalmente impossível um poema ser vertido de forma literal. Escrevendo sobre a questão Ivan Junqueira, por exemplo, parte “do princípio de que não há – e não pode haver – traduções estritamente literais, pois não apenas a forma, mas também, e principalmente, o conteúdo são irredutíveis a um traslado literal para outra língua” (Junqueira, 2012, p.10). Na contramão destes princípios, vemos que Bueno decide, com raras exceções, fazer uma tradução literal dos versos.

Como é uma edição bilíngue, isso permite que o leitor possa comparar a tradução com o original e ver que, o fato de ter sido traduzido literalmente, não leva a uma alteração da forma ou do conteúdo. Algo que pode ocorrer em qualquer tipo de tradução. Ao mesmo tempo, a literalidade da tradução de Bueno não diminui o valor dos poemas traduzidos. Isso vai contra a seguinte afirmação de Junqueira (2012, p.10):

A rigor e sem exagero, a tradução exige esforço mais extenso e intenso do que a criação propriamente dita, sobretudo quando se trata do traslado de textos poéticos, nos quais, além de todas as especificidades a que já aludimos, resta ainda ao tradutor o desafio de interpretar o pensamento do autor, sem falar nos problemas de atmosfera poética, que é necessário recriar em outra língua, e, intimamente vinculado a esses, o da escolha do vocabulário, pois há palavras que podem suscitar uma sugestão poética em determinada língua e em outras não, caso se trate de uma tradução literal.

Na visão de Junqueira, diante da impossibilidade de se trasladar literalmente a forma e o conteúdo, a “tradução é uma busca de equivalências entre aquilo que escreveu o *homo faber* no original e aquilo que resgatou o *homo ludens* em sua tradução, ou seja, aquele que nos serve a poesia “alheia”” (Junqueira, 2012, p.10). Contudo, vemos que a versão de Bueno não é equivalente justamente nos versos em que fugiu da literalidade e adotou uma opção criativa. Nesses versos traduzidos criativamente, ao contrário do que defende Junqueira, a palavra escolhida pelo tradutor suscita uma sugestão poética diferente, somente, naqueles em que o tradutor não traduziu literalmente.

Um exemplo disso é o verso “tembladeral sombrio” (Neruda, 2015, p 78) que foi traduzido como “pasto sombrio” (Neruda, 2015, p. 78). Do ponto de vista formal, isso deixou o verso mais curto e eliminou a aliteração /mb/. Além disso, como pasto e tremedal são coisas totalmente diferentes, o caráter criativo não produziu a mesma sugestão poética. Numa versão literal poderíamos ter “tremedal sombrio” ou “lamaceiro sombrio”, por exemplo, e isso preservaria a ideia do original. Nenhuma dessas opções eliminaria totalmente os problemas formais, mas as duas estariam, de diferentes modos, bem mais próximas do original.

Nesse sentido, não é que uma tradução literal não apresenta os problemas citados por Junqueira. A questão é que uma tradução livre, ou uma transcrição, não estão isentas dos defeitos que Junqueira atribui exclusivamente a literal. Parte-se do princípio de que ela é a única que apresenta esses problemas e isso precisa ser questionado. Por exemplo, o verso “goterón de frescura,” (Neruda,



2015, p. 42), foi traduzido como “calha de frescura,” (Neruda, 2015, p. 43). Isso deixou o verso mais curto, eliminou a assonância do /a/ e mudou o sentido do verso². Literalmente teríamos “goteirão de frescura”, o que eliminaria os três problemas. Os dois exemplos são os que, a meu ver, apresentam uma maior diferença em relação original. Mas existem mais alguns.

Por fim, destacamos o fato de que a tradução é excelente. Durante toda a leitura só encontramos um erro de tradução. Na introdução de Dário Oses, *platos de fondo* foi equivocadamente traduzido como “platôs principais” (Neruda, 2015, p.8). O correto seria “pratos principais” e seria importante que isso fosse corrigido numa segunda edição. É um erro grave porque deixou a frase sem sentido. Mas, isso não tira o mérito do trabalho de Bueno, que é de qualidade.

Por tudo o que foi dito, podemos dizer que as críticas feitas a tradução literal de poesia precisam ser avaliadas caso a caso. A ideia da impossibilidade de uma tradução literal, pelo menos no caso de poemas escritos em espanhol, cai por terra quando lemos uma tradução como a de Bueno. Acreditamos que a questão precisa ser discutida de forma mais matizada. Seja como for, este é um livro que interessará aos leitores de poesia de modo geral e aos que já conhecem o trabalho de Neruda. Ao mesmo tempo, pelo modo como foi traduzido, ele contribuirá para a discussão de questões ligadas à tradução de poesia.

² A calha é um canal, normalmente de folha-de-flandres ou plástico, que transporta a água da chuva que escorre do telhado. O “goterón”, goteirão em português, é um canal inferior para escoamento da água que fica localizado na cornija.



Referências

Estévez, Francisco. Pablo Neruda: Tus pies toco en la sombra y otros poemas inéditos. **El imparcial**, Madrid, 1 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.elimparcial.es/noticia/147356/los-lunes-de-el-imparcial/pablo-neruda:-tus-pies-toco-en-la-sombra-y-otros-poemas-ineditos.html>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Junqueira, Ivan. A poesia é traduzível? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 9-14, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47533>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Recebido em: 22/10/2020
Aprovado em: 26/11/2020